

SOBRE ALGUNS TEMAS EM MÁRIO FAUSTINO

Mires Batista Bender¹

O tema da escrita poética está presente em toda a obra de Mário Faustino, e talvez por isso, Benedito Nunes o tenha homenageado com o título de “poeta da poesia”². Assim sendo, suas motivações outras, como a do amor e da morte, escolhidas para comporem este ensaio, encontram-se com aquele em todos os poemas que formam seu corpus. Uma leitura, mesmo superficial, de seus versos, irá revelar a trama que esses temas engendram, contando, em seu tecido, com a presença constante do tempo mítico, suas personagens e símbolos.

Mário Faustino apresenta o seu tempo através da reflexão sobre a arte dos poetas como um fio de Ariadne³ a guiar o pensamento, e a representação da experiência humana, que surge nos temas presentes em sua poética, acompanha uma variedade de vozes e motivos. As múltiplas identidades que o poeta assume para dar vazão à linguagem podem apresentá-lo como um guia heróico a encaminhar os rumos da poesia, um guerreiro, um cantor medieval, um jogral, Orfeu, ou as diversas vozes num mesmo poema, todas personagens de sua jornada pelos meandros da imaginação. Esta multiplicidade de referências está a serviço da enunciação da variada temática cantada em seus poemas formando um jogo de correspondências infindas. Neles a criação poética, a paixão, o mar, a beleza, o sentimento do efêmero, a angústia de viver, o erótico, o cósmico e o mítico são abordados como desdobramentos de uma trama de referências geradas entre o amor e a morte, a vida e seu tempo, que encaminham o trânsito do poeta entre o imaginário e o real. O amor cantado por Faustino é profético, traz a força da juventude, como é possível sentir nos “Sete Sonetos”:

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura pela PUCRS. Bolsista CAPES. Atua no projeto de pesquisa: Literatura, Memória e História. 2008, Mestre Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-Africanas, pela UFRGS, dissertação: O homem e sua hora na poesia de Mário Faustino. 2005, Especialização Literatura Brasileira: Formação do Professor pela UFRGS. 2004, Graduação Letras: Língua Inglesa Respektivas Literaturas pela PUCRS.

² NUNES, Benedito. Poeta da poesia. In: FAUSTINO, Mário. *Os melhores poemas de Mário Faustino*/ seleção de Benedito Nunes. São Paulo: Global, 1985, p. 7-11.

³ Na mitologia grega, é a nobre cretense que liberta Teseu do labirinto entregando-lhe um novelo de fios, que ele usa como guia, encontrando a saída após derrotar o Minotauro. Depois desta aventura, Dionísio, deus do vinho, fica fascinado pela beleza da jovem e a convence a casar-se com ele. Como presente de núpcias entrega-lhe uma coroa de ouro (obra de Hefesto), que se tornará uma constelação. Cf. BRUNEL, Pierre. (org.). *Dicionário de mitos literários*. Verbete de André Peyronie. Tradução de Carlos Sussekind et al. Brasília: UNB; Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, p. 82.

Oh juventude, um pálio de inocência
Jamais se estenderá sobre outra aurora
Mais clara que esta clara adolescência
Que o lupanar da noite hoje devora:
Que vale o lenço impuro da elegia
Sobre teu rosto, lúcida alegria?⁴

Mas também é trágico, sinistro e funesto, carregado de “amor e morte”. O eu poético está ferido e enlouquece de amor. A escolha semântica pela expressão que carrega o sentido mítico das águas nascentes que acometem de loucura todo aquele que as vê, deixa clara a impossibilidade de realização do sonho romântico. A “linfa”⁵ que se esvai, leva a força vital do ser amante, e com ela, qualquer esperança de paz ou lucidez:

É morto, em tumba nova, o meu sonho de vida.
É morto – mais que morto – exilado, sepulto,
Feriram-no em seu lado e na linfa que escorre
Não há gota de sangue ou promessa de volta.
E eu de amor também morro e maculo meu fim⁶

Em “O mundo que venci deu-me um amor”, o troféu perigoso, de dimensões universais, é ofertado e recebido na tensão dos sentimentos fartos de inocência e culpa, “pranto e riso”. O clima dramático instaurado pelo poema situa o envolvimento amoroso acima de qualquer crença ou paixão:

O mundo que venci deu-me um amor,
Um troféu perigoso, este cavalo
Carregado de infantes couraçados.
O mundo que venci deu-me um amor
Alado galopando em céus irados,
Por cima de qualquer muro de credo,
Por cima de qualquer fosso de sexo.⁷

⁴ Do poema “Onde paira a canção recomeçada”, p. 102, vs. 9-14. Todos os poemas citados de Faustino são extraídos de: FAUSTINO, Mário. *O homem e sua hora e outros poemas*. Organização de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Embora apresente algumas divergências da versão original de 1955, ou da edição de 1966, organizada por Benedito Nunes (divergências que serão apontadas quando ocorrerem em poema aqui apreciado), esta edição foi adotada no interesse de facilitar o acesso à pesquisa, por ser o único livro com a obra poética completa de Faustino disponível no acervo das livrarias.

⁵ As linfas, na mitologia latina, eram divindades das nascentes, que tornavam em louco todo aquele que olhasse para elas. “Daí resultou a expressão latina *lymphatus*, significando ‘louco’”. GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 284.

⁶ Do poema “Haceldama”, p. 94, vs. 13-17.

⁷ P. 98, vs. 1-7.

Metáforas e repetições, apoiadas num léxico pontuado pela força dos verbos, traduzem a agonia por um amor benfazejo e amaldiçoado, capaz de transportar a céus ou abismos. Irracional e devastador, sua sina é desgraçar o eu-lírico amante:

O mundo que venci deu-me um amor
Amor feito de insulto e pranto e riso,
Amor que força as portas dos infernos,
Amor que galga o cume ao paraíso.
Amor que dorme e treme. Que desperta
E torna contra mim, e me devora
E me ruma em cantos de vitória...⁸

Na noite solitária, o amor é luminoso, mas sua luz não alcança o ser amado em estado de isolamento, enquanto chora a ausência de quem ama. No título, o último verso do poema lírico de Safo: “Ego de mona Kateudo”⁹, traduzido por Faustino num exercício de valorização da tradição clássica e num trabalho de aproveitamento intertextual de conteúdo e forma. Não apenas há integração dos registros linguísticos ou temáticos, mas a profunda simbiose no padrão prosódico e na estrutura métrica:

Dor, dor de minha alma, é madrugada
E aportam-me lembranças de quem amo.
[...]
Amor, amor, enquanto luzes, puro,
Dormido e claro, eu velo em vasto escuro,
Ouvindo as asas roucas de outro dia
Cantar sem despertar minha alegria¹⁰

Ainda explorando a riqueza da tradição, está a “Sextilha”, na linha de Dante e Petrarca, Camões e Sá de Miranda, Pound e Eliot, desde Arnaut Daniel no século XII. O poema traz o lamento do poeta por seu amor antigo e doloroso. Fora do alcance do cantor, o corpo amado é traduzido na forma da sextina, cuja estrutura complexa e melódica traduz a impossibilidade de realizar o ideal de amor, no singelo encontro com “a rosa”:

Ah, possuir-te a alma
Sem tocar-te o corpo!

⁸ P. 98, vs. 8-14.

⁹ O título do poema de Faustino: “Ego de mona Kateudo” (“E eu jazo sozinha”), refere a Safo de Lesbos, poeta grega do princípio do século VI a.C. “Déduke mèn a selánna/ kái PlhiadeV; mésai dè/ núkteV, parà d’ erchet’ wra./ égw dè móna katéudw”. Tradução apresentada por Carvalho Neto: “encobriu-se a lua/ e também as Plêiades, meia/ noite, a hora passava,/ eu durmo só”. NETO, Alípio Carvalho. *O homem e sua hora*: Mário Faustino, poeta alegórico. Recife: UFPE. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, 1997, p. 65.

¹⁰ P. 103, vs. 1-2, 11-14.

E quando nasce o dia,
Murmurar, morrendo
Deste atroz martírio,
– vai, rosa impossível!

[...]

Sextilha sem corpo,
Vai, torna-te a alma
Da rosa impossível!¹¹

Na pequena balada sensual, a distância das almas e o contato impedido pelo silêncio, provam que o amor é impossível. O “coração vassalo” do poeta paga tributo ao seu amor, e, súdito, depende dele como de senhor a quem está vinculado por juramento de fé e homenagem:

Por não ter esperança de beijá-lo
Eu mesmo, ou de abraçá-lo,
Ou contar-lhe do amor que me corrói
O coração vassalo,
Vai tu, poema, ao meu
Amado, vai ao seu
Quarto dizer-lhe quanto, quanto¹² dói
Amar sem ser amado,
Amar calado.¹³

O amante em busca de reciprocidade vê no poema o mediador entre seu sentimento ardente e o objeto apático de seu amor. Suas palavras transportam a esperança de superar a unilateralidade desse desejo e tocar um coração dormente, frio, vago:

Beijai-o vós, felizes
Palavras que levíssimas envio
Rumo aos quentes países
De seu corpo dormente, rumo ao frio
Vale onde vaga a alma
Liberta que na calma
Da noite vai sonhando, indiferente
À fonte que, de ardente,
Gera em meu rosto um rio
Resplandescente.¹⁴

¹¹ P. 227-228, vs. 1-6, 37-39.

¹² Na edição utilizada para citação dos poemas de Faustino neste trabalho, o verso 7: “Quarto dizer-lhe quanto, quando dói”, aparece com grafia diversa da publicação original (de 1966). A diferença está no vocábulo “quando”, que na edição de 2002, registra “Quarto dizer-lhe quanto, **quanto** dói” (grifo desta autora).

¹³ Do poema “Balatetta”, p. 160, vs. 1-9.

¹⁴ P. 160, vs. 10-19.

O poeta toma emprestado o rouxinol shakesperiano, ave símbolo de amor e morte, que, como sugere seu nome original , só cantará à noite ¹⁵. Pousado no “sonolento ramo” o poema em forma de pássaro irá anunciar seu canto de amor:

No sonolento ramo
Pousai, palavras minhas, e cantai
Repetindo: eu te amo.
Ele, que dorme, e vai
De reino em reino cavalgando sua
Beleza sob a lua,
Encontrará na voz de vosso canto
Motivo de acalanto;¹⁶

O amado, impossível de ser alcançado, assume contornos de sonho, vagos e cada vez mais distantes, inundando com tristeza o coração do poeta, a quem só resta o próprio verso:

E dormirá mais longe ainda, enquanto
Eu, carregando só, por esta rua
Difícil, meu pesado
Coração recusado,
Verei, nesse seu sono renovado,
Razão de desencanto
E de mais pranto.

Entretanto cantai, palavras: quem
Vos disse que chorásseis, vós também?¹⁷

No poema intitulado “Soneto”, os amantes encontram a reciprocidade sexual. O amor tem força ativa. Os sentidos vibram e laceram, mas o silêncio e o vazio voltam, expressos nas lacunas deixadas pela configuração do soneto “especializado” de Faustino, dispendo a forma a serviço do conteúdo dos versos:

Bronze e brasa na treva: diamantes
pingam
(vibram)
lapidam-se
(laceram)

¹⁵ O rouxinol é a ave símbolo do amor, mas carrega o sentido do amor ligado à morte por ser considerado o anunciador de uma morte suave. Seu canto melodioso e melancólico aparece na cena de amor da peça de Shakespeare, *Romeu e Julieta*, em que os amantes sabem que se o pássaro que ouvem cantar for uma cotovia, será anúncio de sua separação, mas se for um rouxinol, morrerão juntos por esse amor. O rouxinol também é ligado ao plano superior, uma vez que é conhecido como o pássaro das almas. A versão original, germânica, de seu nome (Nachtigall) significa “cantora noturna”. Cf. LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Tradução de Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 615-616.

¹⁶ P. 160-161, vs. 20-27.

¹⁷ P. 161, vs. 28-36.

As tílias balançando ao vento e suas longas e frágeis folhas entoando as notas musicais (ut, re, mi)²² dão ideia da fugacidade da vida, parecendo que respondem à indagação do poeta: “a geração dos homens/ Há-de passar na brisa”. A resposta é endereçada à personagem das odes de Ricardo Reis, Lídia, a quem o poeta convidava a sentar-se à beira do rio para tomar a lição de que, assim como as águas ribeirinhas, a vida passa²³. “Essa imponderável Lídia” é apresentada, segundo Benedito Nunes, “numa revivescência histórica e literária, que vai ao encontro da aventura marítima portuguesa e do moderado epicurismo de Ricardo Reis”, envolvida pela imagem do mar, símbolo de “origem e fim de todas as coisas”:²⁴

Ut – re – mi tílias ao vento soltas sussurando –
– Lídia, a geração dos homens, folhas, folhas,
Há-de passar na brisa:
Hino ouvido entre neves:
Ulti ... multi ... venturas, aventuras,
Vento ululando, vento urrando – vê,
[...]
As fabulosas naves passam prenhes.
Os fenecidos anos voltam secos.
Degenerados, regenerados?
Inês, Lídia – passamos.²⁵

Um aspecto de mistério toma conta da imaginação dos leitores de Faustino, quando se trata do tema da morte. Muitas são as leituras que acompanham a aproximação biográfica dando relevo às premonições da própria morte, presentes nos versos de Faustino. Não é o caso deste estudo. Na visão desta autora a questão profética já foi brilhantemente resolvida nas análises da biógrafa do poeta, Lilia Silvestre Chaves, que parte, exatamente, da impressão daqueles que o lêem. A citação é longa, mas a meu ver, resolve a questão:

Assim como uma fotografia encerra a morte na imobilidade da imagem, um poema, lido depois de passado o tempo e conhecida a história, desvela detalhes não vistos pelos que o leram antes da morte do poeta – a

²² “O ‘ut’, conjunção latina, designava, antigamente, a nota dó e foi tirado, como as demais notas musicais, à primeira estrofe do hino de vésperas de São João Batista, da autoria de Guido d’Arezzo”. (Guido d’Arezzo era um musicólogo medieval do século XI, 995-1050). A primeira estrofe do poema é: “Ut queant laxis/ resonare fibris,/ Míra gestorum/ famuli tuorum,/ Solve polluti/ labii reatum,/ Sancte Ioannes.” CHAVES, Albeniza de Carvalho e. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: GEU/UFPA, 1986, p. 216.

²³ “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio./ Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos/ Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.” PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio/2: Odes de Ricardo Reis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 80, vs. 1-3.

²⁴ “NUNES, Benedito. A poesia de Mário Faustino. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 31.

²⁵ P. 132-133, vs. 3-8, 19-22.

historicidade e a temática do texto impregnam-se dos acontecimentos da vida do poeta e das imagens que ele deixou de si. O tempo transcorrido e a vertigem do olhar para trás agem com a força de uma contemplação condensada – a palavra *contemplação* considerada aqui no seu sentido etimológico de “olhar atentamente para”, somado ao significado de *templum* como o espaço quadrado demarcado pelo áugure no céu e no chão, ou ainda como o local em cujo interior o sacerdote interpretava os presságios. Os poemas de Mário Faustino delimitam esse espaço de pré-visão e ligam o olhar do poeta ao de um advinho – o homem divino que tem o dom de adinhar –, na acepção órfica do vate antigo ou do profeta romântico.

A poesia de Mário Faustino é fonte inesgotável de exemplos de antevisões de sua morte prematura. Os títulos principais de seu livro *O Homem e sua hora* e dos poemas nele publicados revelam-se premonitórios. Entre eles o poema-prefácio de *O Homem e sua hora* [...] reúne, além dos presságios de morte, projetos de vida e obra, e anuncia os temas da poética faustiniana, inclusive a mais intensa e pungente alegria de viver e de transviver em busca de um Eros total.²⁶

Neste trabalho os poemas são olhados a partir da presença da morte como centro temático – ou por seu potencial expressivo – nas diversas nuances que assume, como no poema “Romance”, em que evidencia a celebração de um bem absoluto que o eu-lírico deseja e espera:

Para as festas da agonia
vi-te chegar, como havia
sonhado já que chegasses:
Vinha teu vulto tão belo
Em teu cavalo amarelo,

²⁶ CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult; IAP; APL, 2004, p. 49. Outros críticos atribuíram ao aspecto biográfico dos poemas de Faustino que prevêem a morte: Augusto de Campos, em “O último verse maker” refere à “impressionante coincidência” entre a “temática da morte jovem” e “as circunstâncias de seu próprio trágico fim”, e apresenta uma lista de 24 versos em que a premonição se faz presente, alegando que eles contribuem para conferir à sua poesia “uma carga semântica específica, para dotá-la de um inarredável ‘pathos’ existencial que a reforça e justifica”. CAMPOS, Augusto de. Mário Faustino, o último “Verse Maker” I e II. In: *Poesia, antipoesia, antropofagia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 44-45. Luciana Müller considera que Faustino foi “uma espécie de sibila de seu próprio enigma”, por apontar em seus poemas os signos de sua morte espacial “alada”, como nos versos de “Aqui jaz” e “Ode” e “as imagens do homem despedaçado [...] Orfeu, Dionísio, Adônis, Hipólito e quejandos”. MÜLLER, Luciana Martins. *Tensões da crítica e da poesia em Mário Faustino*. São Paulo: USP, 2000. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000, p. 158-162. Observo que naqueles dois poemas Faustino refere a: “pétalas caídas antes do dia”, em “Aqui jaz” – escrito aos dezessete anos, em abril de 48 – e à “manhã (que) não tem culpa se não vem nunca mais”, em “Ode” – de março de 48 – sugerindo ligação ao seu acidente aéreo que ocorreria às 5h14min. Albeniza Chaves, analisando o poema “Romance”, prefere indagar: “com relação aos verbos (sic) 9º ao 12º. Qual o significado do ‘cavalo’ da Morte (sic) amarrado ao ‘tronco de minha glória?’”. Será lícito acreditar numa espécie de sentimento premonitório do poeta, relacionado à brevidade de sua vida ou de sua carreira artística, interrompida ainda no início? Ou a isso se é levado pelo conhecimento da vida de Mário Faustino e de sua morte prematura?” CHAVES, Albeniza de Carvalho e. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: GEU/ UFPA, 1986, p. 58. E Antonio Silva anuncia que seu estudo irá “sem que precisemos apelar para as premonições e para os aspectos biográficos, estabelecer uma base de estruturação semântica da morte na obra de Mário Faustino”. SILVA, Antonio Manoel dos Santos. *Poesia e poética em Mário Faustino*. São José do Rio Preto: UNESP. (Tese de Livre-Docência). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, 1979, 2 v, p. 320.

Anjo meu, que, se me amasses,
Em teu cavalo eu partira
Sem saudade, pena, ou ira;²⁷

O “vulto tão belo”, que surge a cavalo no sonho do poeta, é Tântato – filho da noite e irmão do sono – mito popular grego que personifica a morte e se apresenta montado ou alado²⁸. O poeta pressente a proximidade do seu fim e faz a descrição do futuro como querendo aceitá-lo. É a procura (e descoberta) de um fator de constância na fluidez temporal. Com esperança na vitória sobre o tempo, o poeta quer esquecer o passado e rumar para a transcendência. A morte supera o materialismo terrestre e se impõe como o acontecimento de valor superior a todos os que a experiência concreta possa oferecer:

Era tão cáldo o peito
Angélico, onde meu leito
Me deixaste então fazer,
Que pude esquecer a cor
Dos olhos da vida e a dor
Que o sonho vinha trazer.²⁹

Ela é vista pelo eu-lírico como o fim natural das coisas, encerrando um ciclo e refletindo uma aceitação total e heróica do destino humano. O sentimento de harmonia sobre os princípios que regem a existência estão representados pela união do anjo e da besta, símbolos místicos do bem e do mal:

Tão celeste foi a festa,
Tão fino o Anjo, e a Besta
Onde montei tão serena,
Que posso, Damas, dizer-vos
E a vós, Senhores, tão servos
De outra festa mais terrena –
Não morri de mala sorte,
Morri de amor pela morte.³⁰

²⁷ P. 80-81, vs. 1-8.

²⁸ Cf. GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 427.

²⁹ P. 80, vs. 13-18.

³⁰ P. 80-81, vs. 19-26. De acordo com um estudo de autoria de Benilton Cruz, além da oralidade, fortemente marcada na poesia faustiniana, há neste poema uma voz que remete ao romancero popular medieval. Para Cruz, esta oralidade estaria instaurada no momento em que o poeta profere os versos 1 e 2: “Para as festas da agonia,/ vi-te chegar, como havia” (poderia acrescentar, os versos 22 e 23, em que o cantor dirige-se a “damas” e “senhores” presentes para ouvir sua história). Em conexão com a estética do *Romancero*, o autor destaca a temática da morte e o caráter trágico do discurso; a referência à cavalaria ou cavalo, nos versos 5 e 9; a memória, invocada no verso 11; as figuras do anjo e da besta, no verso 20; a presença da mulher como ouvinte no verso 22 e a expressão “mala sorte”, com vocábulo em espanhol, no verso 25. CRUZ, Benilton. *Voices do Romancero* em “Romance” de Mário Faustino. (artigo que faz parte

E a vida eterna engendo: gero, adoro.⁴¹

Em “Haceldama”, a morte é mostrada pela perspectiva cristã de início de um novo ciclo, ao mesmo tempo em que expressa o fracasso desta possibilidade. O eu-lírico anseia pela eternidade, porém, carrega sofrimento e culpa, que fazem com que recuse a redenção salvadora. No início do poema o espírito de um Judas assume a personagem poemática e traduz o sentimento de angústia, carência e solidão que o impele à negação:

Meu desespero é fonte onde as lágrimas bóiam
Sem achar uma esponja, um cálice que as una;
Meu canto, esta alimária sob o verbo do tempo,
Sobre a língua da morte, entre os lábios do inferno.
Quem não viu essas sombras cavalgando meu fado,
Carregando em triunfo as palavras que ergui?
Porque só por um beijo em seu rosto sem mancha
Fiz de um saco de prata o meu campo de sangue⁴²

E novamente o fracasso do sujeito lírico/ poeta, diante da vida e do verbo:

E ninguém fere a lira e as palavras que acordo
Marcham turvas, sem som, rumo à cova do olvido.⁴³

Benedito Nunes vê no poema uma espécie de crítica ao ascetismo cristão, expressada pelo poeta no sentido dionisíaco e orgiástico com que conservou a sua visão da religião, da simbologia da paixão de Cristo e do dogma da redenção. Esta descrença com relação às promessas de vida àqueles que desprezarem seus corpos é apresentada no final do poema em forma de litania:

Carneiros de mortos que ostentas o abismo e ocultas a Vida
oh a promessa!
Carneiro de corpos que exaltas os ossos e oprimes a Carne
oh a miragem!
Carneiro das almas que instalas a treva e expulsas o Espírito
oh armadilha!

– Eu vi um bezerro dourado morrer de abandono.⁴⁴

De acordo com o crítico paraense, a inspiração de Faustino vem do conceito nietzschiano que rejeita àqueles que nomeou, “desprezadores do corpo”⁴⁵. Grande

⁴¹ P. 202, vs. 13-14.

⁴² P. 94, vs. 1-8.

⁴³ P. 94, vs. 11-12.

⁴⁴ P. 96, vs. 57-63.

admirador do *Assim falou Zaratustra*, Faustino compartilha da ideia de valorização do corpo como a morada do ser. Seu poema acompanha o pensamento de Zaratustra quando retrata um sujeito que nega aquilo pelo que mais anseia, a vida eterna. Para a personagem de Nietzsche, desprezar o corpo é indício de que o ser desistiu da vida por não conseguir “mais o que quer acima de tudo: – criar além de si”⁴⁶. Diz Zaratustra: “as almas são tão mortais quanto os corpos. Mas o encadeamento de causas em que sou tragado retornará – e tornará a criar-me”⁴⁷. O eu poético do “fragmento” faustiniano, crê no acesso à eternidade almejada, na renovação da vida pela superação da morte, e lança sua reflexão sobre o eterno retorno:

Gaivota, vais e voltas,
Gaivota, vais – e não voltas.
[...]
(pássaro, pássaro, cale-te, dorme,
Lázaro, Lázaro, vai-te, não voltes.)⁴⁸

A morte, na concepção de Faustino, também pode se revelar indesejada, como na “Balada”, que conta a solidão do eu-lírico diante da privação do outro. No poema “em memória de um poeta suicida”, ela se apresenta como a experiência alheia, algo que só experimentamos através do outro e do sentimento de perda que vivemos (ou que sabemos estar fadados a viver). A dor da ausência provocando a dúvida no indulto divino ao amigo “desgraçado” e a recusa em aceitar a finitude humana:

Senhor, que perdão tem meu amigo
Por tão clara aventura, mas tão dura?
Não está mais comigo. Nem conTigo:
Tanta violência. Mas tanta ternura.⁴⁹

Esta recusa toma forma de protesto contra a coisificação humana e a morte sem sentido, pela guerra. No poema “Moriturus salutatur”⁵⁰, o homem se coloca como agente da guerra (o soldado que avança, e “eu mato”) e como paciente dela (“eu caio sem

⁴⁵ NUNES, Benedito. A poesia de Mário Faustino. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Organização de Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 6-7.

⁴⁶ NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, P. 61.

⁴⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, P. 263.

⁴⁸ P. 128-129, vs. 1-2, 39-40.

⁴⁹ P. 158-159, vs. 26-29.

⁵⁰ Do latim “os que vão morrer te saúdam”. FERREIRA, António Gomes. Dicionário de latim-português. Porto: porto Editora/ Lisboa: Fluminense, [s/d.], p. 728 e 1021.

sentidos/ ora, morro”). Numa referência à disposição para morrer e matar, declarada pelos gladiadores na Roma dos Césares, o título do poema faz o reconhecimento desta relação sujeito/objeto entre o homem e sua morte:

O homem
(Soldado,
a sorte está lançada!)
avermelhando o rio.
Centopéia,
verme pé ante pé,
avanças:⁵¹

A presença do homem na selva, fora de seu ambiente, mas cumprindo um objetivo, matar, e o contraste da visão do gamo que corre, sem qualquer expectativa, pela mata instigando a pensar sobre a condição humana:

Posso rir-me do gamo
correndo sem sentido pela mata?
A sanguessuga avança,
Eu corro com sentido:
Eu mato –
Eu caio sem sentidos,
Ora, morro.⁵²

No poema “22-10-1956”, o tema da morte remete à batalha pelo verso. O poeta é o herói condenado, e a imagem do arqueiro que tem o calcanhar mordido pelo escorpião (sempre signo de morte na poética faustiniana: “na libra escorpiões pesam-me a sina”⁵³) expõe sua vulnerabilidade diante do embate com as palavras e assim, encaminha para reflexão sobre a arte, o fazer poético e o uso da linguagem:

De qualquer modo um homem fala:
[...]
senta-se na balança donde fala
outubro outubro ao tempo, ao tempo rubro
donde entre brumas um lacrau se esgueira
e morde o calcanhar do sagitário:

e morde o calcanhar do SOLitário
[...]
eu lutando com eros
idem idem com o verbo
eu lutando com mar com circe e com
Migomesmo, guerreiro atribulado,⁵⁴

⁵¹ P. 207, vs. 5-11.

⁵² P 207, vs. 12-21.

⁵³ No poema “Sinto que o mês presente me assassina” p. 92, vs. 19.

⁵⁴ P. 221-222, vs. 37, 45-49, 66-69.

opostas que depara e lutando batalhas pelo caminho, o eu-lírico encontra, no seu fim, o bem que buscou por toda a vida:

E nos irados olhos das bacantes⁵⁹
Finalmente descubro a quem procuro.
Não eras tu, poesia, meras armas,
Pura consolação de minha luta.
Nem eras tu, amor, meu camarada,
Às costas me levando após a luta.⁶⁰

O processo de auto-descoberta é doloroso. Para decifrar seus mistérios é preciso aceitar um árduo percurso e experimentar o grotesco na busca pela verdade :

Procurava-me a mim, e ora me encontro
Em meu reflexo, nos olhares duros
De ébrios que me fuzilam contra o muro⁶¹

O eu-lírico alcança, enfim, a revelação de que a existência é fugaz, mas tem o tempo ideal, perfeito e valioso:

Que afinal compreendo: *toda vida*
É perfeita. E pungente, e raro, e breve
É o tempo que me dão para viver-me,
Achado e precioso⁶²

Ele vê justificada sua experiência pela vida, no encontro com a morte. Para expressar este círculo perfeito o poeta traz, na serpente do uroboro⁶³ e no círculo de fogo, os símbolos míticos do eterno retorno:

mas saúdo
Em mim a minha paz final. Metade
Infame de homem beija os pés da outra
Diva metade, enquanto esta se curva
E retribui, humilde, a reverência.
A serpente tritura a própria cauda,
O círculo de fogo se devora,
Arrasta-se o cadáver bem ferido
Para fora do palco:

este cevado

⁵⁹ Bacantes ou Ménades (“mulheres possuídas”) eram as seguidoras de Dionísio e personificavam as forças orgiásticas da natureza. Cf. GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 302.

⁶⁰ P. 167, vs. 1-6.

⁶¹ P. 167, vs. 7-9.

⁶² P. 167, vs. 13-16.

⁶³ “Serpente que morde a própria cauda e simboliza um ciclo de evolução encerrado nela mesma”. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Organização de Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva. et al. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 922-923.

O tecido temático da poesia faustiniana forma uma teia de relações convergentes a uma síntese que pode ser lida através de amor e morte, vida e eternidade.

No que trata do tema do amor, a poesia de Faustino apresenta o sentimento amoroso ligado à morte, ou à solidão, expressa no amor não correspondido ou na impossibilidade de comunicação com o ser amado, que ora distante, não responde às tentativas empreendidas pelo sujeito poético, ou, mesmo em contato, não consegue transpor as barreiras da angústia e carência individual. Nos versos de tensão dramática como “O mundo que venci deu-me um amor”, no trágico abandono de “Haceldama”, na agonia solitária de “Ego de mona kateudo” ou no apelo desesperado da “Balatetta”, o amor é um bem muito ansiado, mas impossível de se alcançar, e o poeta recorre aos clássicos como Safo, Dante, Camões e Pessoa para traduzi-lo em sua máxima expressão, misto de plenitude e impotência. Quando acontece o encontro amoroso, como revelam os versos do “Soneto”, os relacionamentos são dominados pelo distanciamento e solidão e todo gesto amoroso encaminhará a idéia da morte.

O tema da morte pode se apresentar como um projeto de completude, um bem desejado pelo sujeito lírico, como se revela nos poemas “Romance” e “E nos irados olhos das bacantes”, ou como promessa de um novo ciclo existencial, traduzido no poema “Viagem”, em que o mar conduz à eternidade. Pode ser, ainda, fonte de desespero “onde suas lágrimas bóiam”, pela consciência da impossibilidade de alcançar a vida eterna, como nos versos de “Haceldama” em que o eu-lírico se julga impuro e recusa a redenção. Pode se mostrar como a revelação da finitude violenta e indesejada, que se impõe pela perda do outro ou pela brutalidade da guerra, onde o homem se apresenta como ativo e passivo no ato da morte, de que são exemplos os poemas “Balada” e “Moriturus salutat”.

No tratamento das matérias que dominam a temática faustiniana, o sentimento geral é de carência, de impotência ou fracasso tanto no trato com o tema do amor, da vida e da morte, e reiteradas vezes o poeta irá lançar seus temas ao tempo mítico, buscando redenção no imaginário. Porém, em todos esses motes, há no trabalho do artista a compensação trazida pelo ver-sejar, no sonho de realizar pela palavra. Na ligação que o fio tecido pelo poeta estabelece entre seus temas, há o encaminhamento da

⁶⁴ P. 167-168, vs. 16-26.

arte de fazer poesia. Através desta inspiração o poeta projeta a busca pela infinitude, a qual parece impossível de se alcançar fora dela.

Referências

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRUNEL, Pierre. (org.). *Dicionário de mitos literários*. Verbete de André Peyronie. Tradução de Carlos Sussekind et al. Brasília: UNB; Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

CAMPOS, Augusto de. Mário Faustino, o último “Verse Maker” I e II. In: *Poesia, antipoesia, antropofagia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

CHAVES, Albeniza de Carvalho e. *Tradição e modernidade em Mário Faustino*. Belém: GEU/ UFPA, 1986.

CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult; IAP; APL, 2004.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Organização de Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva. et al. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CRUZ, Benilton. Vozes do *Romancero* em “Romance” de Mário Faustino. (artigo que faz parte de seu projeto de pesquisa para a UFPA). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/v00007.htm>>. Acesso em: 5 mar. 2007.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: porto Editora/ Lisboa: Fluminense, [s/d.].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Tradução de Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MÜLLER, Luciana Martins. *Tensões da crítica e da poesia em Mário Faustino*. São Paulo: USP, 2000. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

NETO, Alípio Carvalho. *O homem e sua hora: Mário Faustino, poeta alegórico*. Recife: UFPE. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NUNES, Benedito. A poesia de Mário Faustino. In: FAUSTINO, Mário. *Poesia de Mário Faustino*. Organização de Benedito Nunes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

NUNES, Benedito. Poeta da poesia. In: FAUSTINO, Mário. *Os melhores poemas de Mário Faustino*/ seleção de Benedito Nunes. São Paulo: Global, 1985.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio/2: Odes de Ricardo Reis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 80, vs. 1-3.

SILVA, Antonio Manoel dos Santos. *Poesia e poética em Mário Faustino*. São José do Rio Preto: UNESP. (Tese de Livre-Docência). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto, 1979, 2 v.